

HOMEM COM USO INDEFINIDO A PARTIR DE ORTO DO ESPOSO

Juliana Regoto Rodrigues (UFF)

julyregoto@bol.com.br

Sebastião Josué Votre (UFF)

votre@esquadro.com.br

sebastianovotre@yahoo.com.br

1. Introdução

Muitas vezes nos deparamos com a ideia de a língua portuguesa ter um caráter dinâmico, mudar constantemente, no entanto deveríamos observar se essas mudanças acontecem tão rápido mesmo ou se, em alguns casos, as nomenclaturas se modificam e as funções permanecem. Esse pode ser o caso do termo *homem*.

Convencionalmente as classes gramaticais, categorias lexicais ou classes de palavras, como agora aparecem nos livros didáticos, estão sempre bem delimitadas, embora, em determinadas situações, elementos pertencentes à determinada classe possa exercer outra função em outro contexto.

A partir da leitura de *Orto do Esposo*, fez-se necessária consulta a Gramáticas Históricas e dicionários etimológicos para observar as particularidades dos pronomes indefinidos. Era preciso saber se a palavra *homem* já havia sido classificada como pronome indefinido em alguma época. Essa necessidade é devido ao uso dessa palavra não ser de classificação simples, ou seja, nem sempre que aparece nessa obra pode ser classificado como substantivo claramente.

Depois de comprovar que realmente *homem* havia sido gramaticalizado como pronome indefinido no português arcaico, fez-se necessário observar se esse tal dinamismo da língua portuguesa realmente se comprova. Teria *homem* realmente perdido o sentido indefinido, ou somente a classificação de indefinição?

É necessário, então, a leitura de alguns textos do português moderno, partindo de um estudo diacrônico para um pancrônico, ob-

servando se *homem* com uso indefinido realmente constitui um arcaísmo ou se sua função está sendo analisada de forma incorreta.

2. Métodos

Os textos usados para o desenvolvimento do trabalho foram: Os três primeiros livros de *Orto do Esposo* (autor desconhecido), *Memória de um Sargento de Milícias* (Manuel Antônio de Almeida) e *Esau e Jacó* (Machado de Assis).

Para comprovar as afirmações feitas no dicionário etimológico (BUENO, 1968) de que *homem*, além de substantivo, também era classificado como pronome indefinido no século XIV e XV, foi feita uma varredura com a ferramenta de localização de Word no material pesquisado no site do CIPM.

Pretendeu-se buscar *Homẽ, omẽ, homẽs* nos três primeiros livros de *Orto do Esposo*. A partir dessa seleção observava-se se essas palavras revelavam indefinição em relação ao contexto em que apareciam.

Ex. “Mais deue *homẽ* estudar e leer...” (*Orto do Esposo*)

Para verificar se a afirmação da Gramática Histórica (CONTINHO, 2005) de que o uso de *homem* como pronome indefinido constituía arcaísmo, também foi usada a ferramenta de busca do Word em romances clássicos da literatura brasileira retirado do site do domínio público.

Buscou-se *Homem, homens* em *Esau e Jacó* e *Memórias de um Sargento de Milícias*.

Ex. “Mas no secreto do coração, lá muito ao fundo, onde não penetra olho de *homem*...” (*Esau e Jacó*, p. 27).

3. Resultados

Comprovou-se, primeiramente, que *homem* no português arcaico pode ter função de substantivo, para designar distinção de gênero e generalização da raça humana, homens e mulheres, e também com função de pronome indefinido.

Ex. 1 “...trabalhei-me fazer este liuro das cousas cõteudas ênas Escripturas Sanctas e dos dizeres e autoridades dos doutores catholicos e de outros sabedores e das façanhas e dos exenplos dos sanctos *homêes*.”

Ex. 2 “Esta palaura e uerbo, que nos chamamos Filho de Deus, auêdo misericordia sobre os homêes, liurou-[o]s do error ê que eram...”

Ex. 3 “Ca todo aquell que ensina, mayormête a doutrina da Sancta Escriptur[a], deue parar mêtês que emsinê e que seia praziuel e que moua ho *homê* pera bem obrar.”

No primeiro exemplo podemos perceber que o autor se refere a pessoas do sexo masculino, uma vez que diz serem santos, que também é do gênero masculino; já no segundo a referência é feita à raça humana, percebe-se a sua definição, também, pelo artigo definido que acompanha o termo em questão; enquanto que no terceiro *homem* aparece com uso indefinido, afinal substituindo-se o termo por um pronome indefinido, no caso o *todos*, o texto não perde o sentido, pelo contrário percebe-se a mensagem com maior força.

Embora esses exemplos sejam bem claros, durante a análise desse *corpus*, em alguns momentos aparecem exemplos que deixam dúvidas, como:

Ex. “Onde dizem os poetas que Apollo cauou hũa fonte emno seu orto, que, quando viinha o sol, era feyta tam frya, que a nõ podiam beuer, mais, depois que se poy nha o sol, aqueecia em tal maneyra que aadur podya o *homê* teer as mããos em ella.” p. 21.

Vemos que *homem* nesse caso tanto pode se referir aos humanos, ou também, se substituirmos por *ninguém*, não teremos um prejuízo para o sentido do trecho.

Na segunda parte que o trabalho se propôs, verificar se o uso de *homem* como termo indefinido se conservou, constatou-se que a indefinição se conserva em alguns exemplos, mesmo que a nomenclatura das gramáticas não a reconheça.

Ex. 1 “Não só de fé vive o *homem*, mas também de pão e seus compostos e similares.” (Machado de Assis)

Ex. 2 “O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como *homem* entendido na matéria, e em pouco tempo deu volta a tudo aquilo.” p. 64 (Manuel Antônio de Almeida)

Nesses exemplos comprova-se que *homem* pode assumir uma função indefinida, visto que tanto no primeiro como no segundo o termo não busca referências de gênero nem de generalização do ser humano.

No primeiro podemos substituir o termo por *ninguém*, assim percebemos melhor a indefinição que o autor pretendeu dar a seu texto.

Já no exemplo seguinte poderíamos usar *alguém* em lugar de homem e assim também notaríamos o tom indeterminado da situação. Embora seja questionável que pelo contexto o autor já poderia ter citado a que homem se referia, entretanto não é feita nenhuma referência antes. Parece mesmo uma expressão costumeira.

Nos textos da literatura brasileira apareceram outros exemplos como:

Ex. 1: A singularidade do caso fê-lo agarrar-se mais à idéia, ou a idéia a ele, não posso explicar melhor este fenômeno íntimo, passado lá onde não entra olho de *homem*, nem bastam reflexões ou conjeturas. (Machado de Assis)

Ex. 2 “—Não é isso; refiro-me ao temperamento político. Verdadeiramente há opiniões e temperamentos. Um *homem* pode muito bem ter o temperamento oposto às suas idéias.” (Machado de Assis)

Esses são outros exemplos que se substituirmos *homem* por pronomes indefinidos não será alterado a ideia do texto. Percebemos assim a indefinição que esse termo pode apresentar.

4. *Considerações finais*

Com essa análise pancrônica, comprovou-se que o *homem* tinha função indefinida no português arcaico e ainda pode executá-la em textos modernos, mesmo que não tenha uma nomenclatura específica atualmente dentro das gramáticas normativas.

Pode-se levantar a dúvida, então, que o uso de *homem* como termo indefinido constitua um arcaísmo, visto que foram encontrados exemplos em que *homem* cumpre a função de um pronome indefinido em textos diferentes do português arcaico, em textos do português moderno.

Faz-se necessário para uma próxima pesquisa estudar como o termo *homem* se gramaticalizou como pronome no português arcaico; assim como por que essa função foi excluída das gramáticas modernas; e talvez uma pesquisa de maior relevância seja observar em um *corpus* mais amplo do português moderno a ocorrência desse uso indefinido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000235.pdf>>.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000199.pdf>>.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

CAMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 2005.

PIMENTEL, Antonio M. Gonçalves. *O monge a irmã e o Orto do oposito*. Niterói: EduUFF, 2009.

VOTRE, Sebastião J. O imaginário português e o ensino da língua. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa em calidoscópico*. São Paulo: Educ, 2004.

VOTRE, Sebastião J. Continuidade e mudança na língua portuguesa no Brasil. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: Educ, 2002.

Orto do Esposo. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt> e em: <http://scholar.google.com.br>